

f X 87

ORAÇÃO INAUGURAL

Com que se abriu

A Conferencia publica, que a

REAL ACADEMIA

de Cirurgia da Cidade do Porto, fez celebrar aos felicissimos annos de El-Rey nosso Senhor.

Sendo seu Presidente

ANTONIO SOARES

B R A N D A M

Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cirurgiaõ de sua Camera Real, dos seus Exercitos, e Cirurgiaõ mór do Reyno.

Composta, e recitada

Pelo Director da mesma Academia,

MANOEL GOMES DE LIMA

Cirurgiaõ supranumerario da Casa Real, Juiz Delegado do Cirurgiaõ mór do Reyno, no Porto, Socio da Sociedade Real das Ciencias de Sevilha, e da Academia Medica de Madrid.



PORTO: Na Of. do Cap. Manoel Pedroso Coimbra,
1760. *Com todas as licenças necessarias.*

INSTITUTIONS
OF THE
FEDERAL GOVERNMENT

The following are the names of the
officers of the Federal Government
as of the 1st day of January, 1900.
The President of the United States
is William McKinley.
The Vice President of the United States
is Theodore Roosevelt.
The Chief Justice of the United States
is Melville Fuller.
The Secretary of State is John Hay.
The Secretary of the Treasury is Charles D. Smith.
The Secretary of War is Russell A. Alger.
The Secretary of the Navy is John D. Long.
The Secretary of the Interior is Harold I. Smith.
The Secretary of Agriculture is James Wilson.
The Secretary of Commerce is William C. O'Connell.
The Secretary of Education is Charles D. Nease.
The Secretary of the Post Office and
Railways is James S. Smith.
The Secretary of the Pension Office
is John W. Foster.
The Secretary of the War Department
is William A. Taft.
The Secretary of the Navy Department
is William A. Taft.
The Secretary of the Interior Department
is William A. Taft.
The Secretary of the Agriculture Department
is William A. Taft.
The Secretary of the Commerce Department
is William A. Taft.
The Secretary of the Education Department
is William A. Taft.
The Secretary of the Post Office and
Railways Department is William A. Taft.
The Secretary of the Pension Office
is William A. Taft.

Noticia de 88
NOTICIA.

20 - Ag - 1924

PELO Estatuto 16. dos que a Real Magestade do Senhor Rey D. *Joaõ V* confirmou, para governo da *Academia de Cirurgia do Porto*, se determina, haja duas Conferencias publicas em cada hum anno na mesma Academia. A Junta do Governo della, que cuida em fazer observar as suas Leys, e conservar hum Congresso taõ util, sustentado atè agora, a expensas dos zelosos Socios, que o compoem, resolveu, que se celebrasse huma das ditas Conferencias, no dia dos felicissimos annos de El-Rey nosso Senhor D. **JOZE I.** o justo. Deu conta ao Cirurgiãõ mór do Reyno *Antonio Soares Brandaõ*, a quem pelo illustre lugar, que occupa, e em attençaõ ao seu singular merecimento, e litteratura, elegeu Presidente, e approvando este Sabio Magistrado da Cirurgia taõ acertada resoluçaõ, se destinou o dia 9. de Junho para a tal Conferencia, attendendo-se, que o dia 6. que he o proprio dos annos de Sua Magestade, estava destinado pelo nosso Governador das Armas, o Excellentissimo Senhor *Joaõ de Almada, e Mello*, para as Tropas fazerem as suas custumadas demonstraçoens de alegria, no espaçoso Campo de S. Lazaro, que o mesmo Governador tem mandado aplinar, e enobrecer com hum Fortim para se praticarem ao vivo os Combates militares.

Deu a Junta os aſumptos que ſe havião de tractar, e forão os ſeguintes :

O Director Manoel Gomes de Lima, que he Juiz Delegado do Cirurgiaõ mór do Reyno, no Porto, Socio da Sociedade real de Sevilha, e da Academia medica de Madrid. *Oraçaõ Inaugural para abrir a Conferencia, ponderando a felicidade do Reyno, e da Academia, no Governo de Sua Mageſtade.*

O Vice-Director Manoel Jozé de Carvalho, hum Discurso *sobre os danos, que à República ſe ſeguem da falta de Theatros Anatomicos.*

O Secretario Bento Jozé da Cunha Bacharel, e Licenciado em Artes outro, *sobre as utilidades, que a Milicia recebe da Cirurgia.*

O Vice-Secretario Jozé Guedes Pinto de Moura, Juiz Delegado do Cirurgiaõ mór do Reyno, em Valença, e Monçaõ, outro, *sobre os casos em que os Magistrados Ecclesiastico, e Secular consultão a Cirurgia.*

O Substituto de Consultor Alexandre da Cunha, outro, *sobre os prejuizos, que ſe ſeguem, de ſer exercitada a arte de concertar os ossos, por peſſoas ignorantes da Cirurgia.*

O Substituto de Consultor Diogo Jozé de Araujo, outro, *sobre ſe o Cirurgiaõ pôde ſer perfeito ſem o conhecimento das duas partes da medicina, Dieta, e Pharmaceutica.*

O Distribuidor Jozé de Oliveira, e Silva, outro, *sobre os prejuizos, que ſe pôdem ſeguir ao bem commun da pouca instrucçaõ dos Cirurgioens.*

Como a Academia não podia celebrar a dita Conferencia publica, na Caza aonde ordinariamente ſe junta, ſe determinou, pedir-se o magnifico Salaõ do Hospicio dos Capuxos, em que na occasiaõ do Terremoro

remoto fez o Sena lo da Camara as suas Conferencias e como o Reverendissimo Provincial da Provincia da Soledade, o concedeo benevolmente, se mandou armar de sedas, e brocados, custosa, e soberbamente. Na cabeseira da Sala, se levantou hum Throno de degrãos, sobre o qual, se colocou huma preciosa Cadeira, e por cima della o retrato de Sua Magestade de baixo de hum Docel de velúdo com franjoens de ouro, orlado todo de brocados com Anjos, que sustentavaõ as cortinas com boa proporçaõ, e apparatus. Junto do Throno estava a Mesa, em que a Academia, presidida pelo retrato do Cirurgiaõ mór do Reyno seu Presidente, devia acomodar-se, ficando os Academicos, que haviaõ de ler, todos a huma parte, e da outra os restantes. Houve Serenata de Musica, e hum Concurso numerosissimo de pessoas da primeira destinação, Perlados, e Mestres das Religioens, e seria mayor a naõ haver hum Destacamento de Soldados, que prohibiaõ o ingresso na Sala, que naõ era proporcionada para tantos concurrentes.

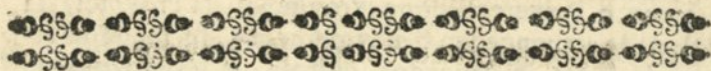
Abrio-se o Acto, logo, que chegou o Governador das Armas, e orando todos os Academicos destinados para a funçaõ ficou o Concurso notavelmente satisfeito, do sério, erudiçaõ, e desembaraço com que todos se portaraõ, sendo de nottar, que todos os Oradores saõ os mais modernos Academicos da Academia na idade.

Como a Academia por hora, naõ pôde fazer imprimir os Discursos, que se leraõ na Conferencia, resolveo o Author desta *Oracaõ*, o estampala, para fazer patente aos Cirurgioens do Reyno, os sentimentos dos Academicos, nos constantes, e freis votos com que celebraõ, os annos de Sua Magestade, e espe-raõ ver continuados os seus exercicios com lustre da sua arte, e beneficio do publico.

ORACAO

B

Vale.



L I C E N Ç A S :

Da Academia.

C Oncedemos licença, ao Director desta Academia Manoel Gomes de Lima, para poder usar deste titulo na presente Oraçaõ, por ser aprovada na Conferencia publica de 9. de Junho deste presente anno: Porto em Junta particular do Governo aos 18. de Outubro de 1760.

Ereitas, Carvalho, Freyre, Brandaõ, Cunha.

Do Sancto Officio.

Illustrissimo Senhor.

L I a Oraçaõ Academica Inaugural, com que se abriu a Conferencia publica, &c. E não achei cousa alguma opposta aos dogmas da Fé, e aos bons costumes. Carmo de Lisboa, 15. de Setembro de 1760.

Fr. Luiz Nogueira.

V Ista a informaçãõ, pode se imprimir o Papel de que se trata, e despois voltará conferido para se dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 19. de Setembro de 1760.

Com cinco Rubricas.

Reverendissimo Senhor D. Provizor.

O Bservando os preceitos de V. R.^{ma} tomei a gostosa empreza, de expor o meu juizo, sobre a *Oração Academica Inaugural*, que com grande viveza, e espirito ouvi recitar ao seu mesmo Author. Elle por este, alê n de outros muitos, e admiraveis partos de seu fecundissimo engenho, se faz merecedor das publicas estimaçoens, de que com gloria da nossa Provincia, e inveja das Estranhas, vai gozando. Estes seus escritos, são huns indeleveis monumentos, que por todo o Reyno, e ainda por fóra d'elle, vai levantando à perpetua memoria, que se prometem os seus merecimentos para os Seculos futuros. Tempo virá, em que a mesma Academia, que elle fomenta, exorta, e anima, empregue, os seus mais eloquentes Socios, em louvar, a quem com tanto ardor, se empenha, em animar esta quasi moribunda arte. Com a naturalidade da sua locução se insinúa nos animos, e os toca, com a vasta erudição os recreia, e em huma vista de olhos, lhes faz conhecer os innumeraveis motivos, que pódem excitar a hum profundo Estudo, sobre estas materias. Sabe com destreza, bulcar os animos dos Portuguezes, pelo lado mais sensível, que he o amor de seus Princepes, e o desejo intimo de agradar-lhes. Estimulo he este, capaz de fazer surgir, e quasi refucitar do profundo Letargo em que jaziaõ, os animos mais froixos, e indolentes àquelles que tranquilamente deixaõ caminhar à sepultura, em huma veigonhosa escuridade, os clarissimos engenhos, que Deos os dotára. Lendo esta Oração, preciso será, ter o Coração totalmente insensível, aos estimulos da conveniencia, da razaõ, da honra, e da gloria, para não

sentir ferver no peito o sangue, encher-se de novos espiritos o Cerebro, e animarê-se todos os membros, a fazer Estudos mayores, e mayores progressos nesta utilissima arte. Em atençaõ pois à utilidade publica, justo me parece, que se dê à estampa, e que he bem digna da licença, que para isso se pede. Este o meu parecer: V. Reverendissima ordenará o que for acertado. Porto, Congregaçaõ do Oratorio 2. de Setembro de 1760.

P. Antonio José.

Conc-do a licença pedida, para se imprimir a Oração de que se trata, precedendo as mais que forem necessarias. Porto, 30. de Outubro de 1760.

Sancto Thomaz.

Do Paço.

Senhor.

LEndo por ordem de V. Magestade, a *Oração Inaugural*, de que trata esta Petição, composta por *Manoel Gomes de Lima* Professor de Cirurgia na Cidade do Porto, Director da Academia Cirurgica da mesma Cidade, não encontro nella cousa alguma, que seja opposta às Sabias Leys, e Ordens de V. Magestade, ou a faça desmerecedora da licença, que pede. Sem embargo disto V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa 8. de Outubro de 1760.

Joaõ Mendes Sacheti Barboza.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Sancto Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Meza revisto pelo Revizor, para se dar licença, para que corra. Lisboa, 9. de Outubro de 1760.

Com cinco Rubricas.

O R A Ç A Õ.

DA R Principio a hum acto Litterario, no venturoso dia em que esta Sociedade celebra, os felicissimos annos de El-Rey nosso Senhor D. JOZE I. o Pio, o Justo, e o Pay da Patria, he empreza tam sublime, como inaccesivel às minhas forças. Era necessario hum estilo especioso, huma fraze brilhante, e a erudição profunda, que eu não tenho, para tratar assumpto tam alto, com aquella veneração, q se deve ao throno, e com aquelle respeito de que somos feudatarios à Magestade. Como porèm, a grandeza do culto se não regula, pela preciosidade da Offerta, mas pelo amor, e pela vontade com que se consagra, sendo este sacrificio o mais sincero, o mais

C

affe-

affectuoso, e o mais reverente, há por dita nossa, de ser agradável aos olhos do piíffimo, e sempre augusto Monarcha, que felizmente nos governa, e há de merecer a benevolencia, e a attençaõ de taõ illustres como sabios expectadores.

Neste dia sempre fausto, e sempre memoravel nos annaes portuguezes, querendo esta Academia patentear a todo o Mundo, a sua gratidaõ, e o seu jubbilo, quando Sua Magestade conta (por felicidade nossa) hum anno mais de *Pai da Patria*, lhe dedica, e lhe consagra esta pequena, mas affectuosa demonstração dos seus respeitos. Cheos todos de zelo, de fidelidade, e de veneração pelo nosso Rey, pelo nosso *Proteçtor*, pelo *Restaurador das Letras de Portugal*, vimos na presença de taõ illustre Auditorio (em observancia dos nossos Estatutos) protestar, hum zelo constante, huma uniaõ mutua, e hum trabalho infatigavel para conseguir-mos, na perfeição da nossa arte, o alivio do genero humano,

o bem da nossa nação , e a gloria ; e immortalidade do nosso Principe. Hum Rey grande , e amante do seu povo como El-Rey nosso Senhor hé , não póde dar melhor a conhecer a sua piedade , que protegendo a nobre arte dos Cirurgioens.

Depois de creado o Mundo todo com hum *fiat* pela Omnipotencia de Deos ; depois de gastar o Senhor na Creação do Sol , dos Animaes , das Plantas , e de todos os Sublunares seis dias : empenharaõ-se todas as tres pessoas da Trindade Sanctissima , na formação da mais nobre , da mais perfeita , e da mais excellente creatura da terra , que he o Homem. Bastou sómente a voz de Deos para crear tudo , mas para formar o Rey dos Animaes , foraõ precisas as proprias maõs do Creador. E a quem , amados companheiros , entregou esta maravilhosa fabrica ? Eu não o posso dizer sem pasmo ? *Foi aos Cirurgicẽs , que são os Substitutos da Divindade , na conservação do Corpo , e suas partes.* Desde o instante , que o Homem nasce , lhe aco-

de vigilante a douta Cirurgia. Elle logo; que vê o mundo chora pelo seu auxilio: corre veloz a nossa arte, a fazer-lhe a incisaõ, e a ligadura do Cordaõ Umbelical para que não morra. Quer depois o homem alimentar-se para conservar a sua vida, mas sera que o Cirurgiaõ, ou a Comadre (que he subalterna sua) lhe corte o freyo da Lingoa, não pôde fuccar o Leite. O' Deos! E que de cultos vos não devem os Cirurgioens por tantas graças? Elles não sómête são os conservadores da vossa admiravel fabrica, mas não soffrem o menor defeito em alguma das tuas partes. *Abatendo as Cataractas daõ instantaneamente vista aos cegos, evacuando o Peyto com a operaçaõ do Empyema, fazem fallar os mûdos; reduzindo as Destocaçoens das pernas, e dos pés, fazem marchar os aleijados.*

Os projectos militares, de que pende a conservaçaõ das Monarchias, ficariaõ muitas vezes innuteis, se a ciencia dos Cirurgioens não livrasse dos estragos de Marte, os Generaes mais famosos. Contaõ alguns Historia-

terriadores de França, que os Soldados do Exercito de El-Rey *Henrique IV.* se animavaõ aos mais ariscados conflictos, fiados na sabedoria de *Mr. Guilhelmeau* Cirurgião de Paris. As mesmas Leys Canonicas, e Civis, de que pende o regimen do Espirito, e do Corpo, tem percisaõ da Cirurgia, para a sua observancia. Os Corpos de Delicto, e outros innumeraveis exames, que se fazem perante os Magistrados Ecclesiastico, e Secular, conduzem para a legalidade das suas Sentenças. Os mesmos Pontifices Cabeças da Igreja de Deos, consultaõ a nossa arte, para a Canonisação dos Sanctos, e a sua Rota Romana para huma grande parte das suas Decisoens, de sorte, que além das vidas dos Reys, dos Capitaens famosos, dos grãdes Ministros, e de todos os viventes, que a nossa arte livra continuamente das maons da morte, servem as suas maximas, para a observancia das Leys Sagradas, e Profanas, para a saude do Corpo, e do Espirito.

Eu não quero demorar-me em provar

D

hum

hum assumpto, que he taõ certo, como evidente. Basta hum só exemplo para fazer *innegaveis as utilidades da nossa arte. Na Collecção* que Mr. *Vandermonde* Medico de Paris estampa presentemente, se acha a Memoria de Mr. *Daviel* celebre Oculista Francez, e Academico da Real Academia de Cirurgia daquella Corte. Nella affirma publicamente este egregio Cirurgiaõ, q̃ de 354. enfermos cegos de Cataractas, que se tinhaõ valido do seu auxilio, tinhaõ recobrado vista 305. Quantos serviços naõ receberia o Estado deste grande numero de Cidadaens? Põdem ser mais evidentes as utilidades da nobre Cirurgia.

Mas ah que estas utilidades, passaõ a ser desgraças pela ignorancia dos professores! Quantas vezes, por se cortarem com o freyo dos Infantes as veas Raninas, se tem seguido a morte? Quantas vezes, por se ignorar a operaçãõ das Cataractas, se tem perdido a vista? Quantas vezes a falta de methodo, ou de Ciencia, tem privado aos homens de
vida,

vida, ou de membros! Eu vos quero trazer à memoria a seguinte authoridade do celebre Mr. *LeGendre* Marquez de S. Aubin. *A Cirurgia* (diz este Sabio Francez) vê muito mais claramente nas suas operaçoens, que a medicina, mas ella deve por honra sua, unir a doçura do tratamento, à felicidade das operaçoens. Se hum homem (continua o Marquez) tem algum mal na cabeça de qualquer dêdo, e que hum Cirurgião lhe corta a mão, a cura he quasi infalivel, por que succede rarissima vez, que a morte seja consequencia da amputaçã da mão, em hum corpo bem acompletejado; mas que crueldade ha que iguale a de semelhante cura? E pôde por ventura jaçtar-se a arte de hum remedio, ainda peor que a enfermidade?

Para que isto não succeda, transmutando-se a Treaga em veneno, devem os Cirurgiõens constante, e zelosamente conferir, trabalhar, e bulcar na perfeiçã da sua arte, o bem do genero humano. Nos outros

Reynos, os vemos já congregados em famo-
 sas Academias, ou sós, ou juntamente uni-
 dos com seus companheiros, os mais pro-
 fessores da arte de curar. Este exemplo se-
 guimos os Portuenses, e já que merecemos,
 que a augusta Magestade do Senhor Rey
D. João V. que Deos possua, nos indulta-
 se com o especial titulo de regio Corpo;
 havemos de conseguir do grande Monarcha
 reinante nosso benigno Protector, os meyo-
 da nossa conservação, do nosso augmento. Os
 Cirurgioens da *Prusia*, de *Suecia*, de *Russia*,
 e de *Dinamarca*, já fazem illustres as Aca-
 demias de *Berlim*, de *Estocolmo*, de *Pe-
 tresburgo*, e de *Compenhage*. Os de Alema-
 nha tem feito grandes progressos, na dos *Cu-
 riosos da Natureza*, que fundou, e protegeu
 o Emperador *Leopoldo* Avô do nosso Fide-
 lissimo Rey. Os da *Gran Bretanha* unidos
 nas Sociedades de *Londres*, e de *Edimburgo*
 buscaõ o alivio, e a conservação dos seus
 patriotas. Em huma palavra, congregados
 os Cirurgioens em *Veneza*, em *Roma*, em
Napo-

Napoles, em Madrid, em Sevilha, e em Cadiz, sollicitaõ detempenhar a confiança, com que os estimaõ os povos, com que os condecoraõ os Reys.

Basta olharmos para essa França, e para esse grande Rey Luiz XIV. (com quem logo vou metter em paralelo o nosso invictissimo Monarcha) para nos encher-mos de gloria. O Rey Luiz XIV. (diz o insigne Cirurgiaõ Pedro Dionis) informado melhor, que nenhuma outra pessoa do seu Reyno, de tudo o que podia contribuir ao bem, e à felicidade dos seus Vassallos ordenou por huma Declaraçaõ particular, que fez verificar, e registrar pelo Parlamento na sua presença, que as demonstraçoens de Anatomia, e as operaçoens de Cirurgia, seriaõ executadas todos os annos no seu Jardim Real, gratuita, e francamente, a fim de facilitar aos Praticantes, os meynos de se polir em huma arte, que este Rey olhou sempre como huma das mais necessarias, e uteis ao Estado.

Disse, que o Autor desta grande ac-

ção foi Luiz XIV. cujo elogio escreveu hum Francez moderno com as seguintes palavras. O Rey Luiz XIV. (diz elle) tinha hum gosto natural, para tudo o que constitue os homens grandes. Soube distinguir, e empregar os Sogeitos de merecimento, e eleger para Ministros, os mais habéis politicos. No seu tempo se admiraraõ em França Bispos, e Theologos, dignos dos mais bellos Seculos da Igreja. Poetas excellentes, Oradores famosos, Philosophos profundos, doutos Jurisconsultos, e Sabios de todo o genero, cujos estudos o mesmo Rey animava com recompensas. Fez florecer as artes, e o Commercio nos seus Estados, e se distinguiu sobre todos os Princeses do seu Seculo, por hum ár de grandeza, de magnificencia, e de liberalidade.

E quem (nobilissimo auditorio) he mais vivo retrato do grande Luiz XIV. que o grande JOZE I. Rey de Portugal nosso Senhor? Sejame permittido metter em parallelo estes invictos Monarchas, por que ou casualmente, ou por prodigio acho nas acções

çoens de ambos huma semelhança grande. Animou, e enobreceu *Luiz XIV.* o Cōmercio, e as Manufacturas, e quem naõ vê a Sua Magestade Fidelissima imitar (se naõ exceder) aquelle Monarcha? Digaõ-no tantas Companhias estabelecidas com a sua protecçaõ, e com o seu auxilio; tantas Fabricas privilegiadas; tantos Artifices socorridos. Ingeridos os Nobres no Negocio, sem menoscabo da sua Fidalguia; afociados os Negociãtes com os Fidalgos, ficando pelo Commercio illustres. *Luiz XIV.* restaurou em França as Letras, premiou os Sabios: o grande *JOZE I.* nosso Senhor, achando as mesmas Letras no seu Reyno, em huma vergonhoza decadencia, promulgou Leys sapientissimas para a sua reforma. Chamou de entre os seus Vassallos aquelles moços de *Espirito vivo, e penetrante*, e os condecorou com o Magisterio. Gloriosamente para o nosso Seculo, terãõ estes *Regios Professores*, os Chronistas mayores da liberalidade de *El Rey*. Munidos já de principios solidos contra a prevençaõ,

e contra o costume, saberáõ (ensinando os outros) adiantar as artes, que professaõ, e fazer illustre o nome portuguez nos Reynos estranhos.

No Seculo de *Luiz XIV.* se admiraraõ em França Theologos doutos, famosos Jurisconsultos, Physicos excellentes, e Sábios esclarecidos em todas as profiçoens. No Seculo presente, em que felizmente nos governa o grande *JOZE I.* nosso Senhor, que Deos felicite, desterrado o pedantismo, e o plagio dos Pulpitos, e das Cadeyras, instruida a mocidade Portugueza na Historia Sagrada, e na Profana, já se ouve com gosto nas Escolas a Phisica do *Neuton*, a medicina do *Boerhaave*. Cultivaõ-se as Mathematicas, e amaõ todos a verdadeira sabedoria. Se antigamente deu este Reyno homens sabios aos Estrangeyros, a saber, na *Theologia* hum *Antonio de Sena*, hum *Alvaro Paes*, hum *Diogo de Payva de Andrada*, e hum *Francisco Foreiro*, que affombraraõ *Lovaina*, *Trento*, e *Roma*! Na *Jurisprudencia*

dencia Canonica, e Civil, hum Affonço Al-
vares Guerreiro, hum Ayres Pinhel, e hum
Antonio de Gouvea, que fizeraõ o nome Por-
guez illustre em Pisa, em Napoles, e em
Praga! Na medicina hum Amato, e hum
Zacuto Lusitanos, hum Diogo Mouraõ, hum
Francisco Sanches, hum Manoel Bocarro, e
hum Rodrigo da Fonseca, que com a sua
ciencia, e com as suas curas, immortaliza-
raõ a naçaõ em Flandres, em França, e
atè em Constantinopla! Se antigamente di-
go, deu o nosso Reyno nas Humanidades
hum Achilles Estaço, hum Ayres Barboza,
hum André de Rézende, hum D. Antonio
Pinheiro, e hum D. Jeronymo Ozorio, que
foraõ reputados no Mundo pelos Ciceros,
pelos Demosthenes, e pelos Quintilianos de
Portugal, no Seculo presente em que Sua
Magestade reinante se declarou Protector dos
Estudos da nossa Patria, destinando para Di-
rector delles hum Prelado illustrissimo, e Sa-
pientissimo, veremos o brio Portuguez ex-
ceder a todos, e atè a si mesmo. Desde Es-
trabão

trabão até agora, foi reputada a nossa nação, por activa, por espirituosa, e por capaz dos maiores adiantamentos. Somos ainda os mesmos nas disposições; faltava-nos hum *Protektor* como *Augusto*, destinou-o a providencia em El-Rey nosso Senhor; esperemos pois a idade do Ouro.

O que porém faz mais indubitavel o paralelo do nosso Clementissimo Rey, com o grande *Luiz XIV.* he a sabia providencia, com que elegeu, com que destinou para seu Ministro de Estado, o Excellentissimo Senhor *Conde de Oeyras* nosso *Mecenas*. El-Rey *Luiz XIV.* achou venturosamente hum Homem de Estado, no famoso *Joaõ Baptista Colbert*, a quem creou seu Secretario, e depois Marquez de Segnelai. Este Ministro por quem chorará a França eternamente, foi aquelle mesmo, que restabeleceu o Comercio, e a Marinha daquella Monarchia; ordenou o Patrimonio real, fez construir os mais belos edificios, chamou a Pariz a muitos Sabios de todas as ciencias, e artes, que andavaõ

davaõ dispersos pela Europa; fundou muitas Academias, e em fim foi aquelle Homem, de quem os Francezes escrevem, que já mais devera acabar a vida. O nosso Fidelissimo Rey achou para Felecidade de Portugal, hum igual, se naõ mayor Ministro no Senhor *Conde de Oeyras*. Depois que Sua Excellencia fez os mayores progressos nas ciencias dentro do Reyno, possuindo fundamentalmente na idade mais tenra, a noticia da Geometria, da Arithmetica, e de todas as Mathematicas: depois que penetrou o Espirito de humas, e outras Leys, Canonicas, e Civis: depois que deu a conhecer a sua vastidaõ, e a sua intelligencia em huma, e outra Historia, Sagrada, e Profana; passou por ordem do augustissimo Senhor Rey *D. Joaõ V.* o magnanimo a *Londres*, e a *Vienna de Austria*, manejando de strissima, e prudentemente os negocios mais delicados da Monarchia naquellas Cortes, aonde por todas as partes se encontraõ Sabios. Observou, e dirigiu os interesses de Portugal na segunda

Paz

Paz de Aquisgram no anno de 1748. com os mayores acertos, e vindo ditosa, e finalmente para a patria, tem inspirado, e trabalhado, os monumentos mais perduraveis da nossa felicidade, da gloria do seu Principe, e da sua bem merecida fama. Conjuraraõ se os Elementos contra Portugal no seu Ministerio, e teve Sua Excellencia o valor, e a gloria de vencellos, com as suas acertadas *Providencias*. A regularidade do Comercio, que introduziu em tantas *Companhias*, e as magnificas obras do *Arsenal*, que inspira, e que promove: tantas *Leys* dirigidas ao socego, e ao bem da Monarchia, expedidas por ordem do nosso grande Monarcha, saõ mudos padroens da sua grandeza d'alma. E atè para ser Sua Excellencia em tudo semelhante, ao grande *Colbert*, tem na sua mesma familia, (como aquelle celebre Ministro) a muitos heróes, que a enobrecem, e que arealçaõ. Quatro *Colbertes* admirou a França (alem do grande *Colbert*) no Seculo de *Luiz XIV.* e quatro Heróes admira

ra Portugal na familia do Senhor *Conde de Oeyras*, no Seculo do nosso augustissimo Monarcha. Floreceu em França *Duarte Francisco Colbert* irmão do grande *Colbert*, que foi Tenente General, Ministro de Estado, e Conde de Maulevrier: florece em Portugal, o Excellentissimo Senhor *Francisco Xavier de Mendonça*, irmão do Senhor *Conde de Oeyras*, que foi Tenente General no Maranhão, e hoje he dignissimo Secretario de Estado. Floreceu em França no Estado Ecclesiastico *Diogo Nicolau Colbert* Doutor da Sorbona, e depois Arcebispo de Ruão, e florece em Portugal no mesmo Estado, o Illustrissimo Senhor *Paulo de Carvalho* Commissario Geral da Bulla, e Perlado da Sancta Igreja Patriarchal. Em França se admirou *Joaõ Baptista Colbert* Marquez de Torci na familia do grande *Colbert*, que foi Enviado a varias Cortes da Europa, e em Portugal se admira o Excellentissimo Senhor *Francisco de Almada de Mendonça*, Primo do Senhor *Conde de Oeyras*, que he

Minif.

Ministro Plenipotenciario da nossa Corte à de Roma. Finalmente França, observou na familia do grande *Colbert*, a teu consanguineo, o Marquez de *Croissi Carlos Colbert*, que sendo encarregado de muitas negociaçoens importantes, foi elevado a Ministro, e a Secretatio de Estado, e Portugal respeita prezentemente, na familia do Senhor *Conde de Oeyras*, ao Excellentissimo Senhor *João de Almada e Mello*, nosso meritissimo Governador das Armas, que desempenhando com a prudencia, que todos lhe admiramos, muitas commissoens importantes, há de ser, mas que há de ser? Excellentissimo Senhor, (a) o respeito que devo à presença de Vossa Excellencia, me faz emmudecer, e me faz pasmar. Seja o silencio, quem augure a Vossa Excellencia, as mayores felicidades, que eu admirando as suas virtudes, não quero offender a sua modestia.

No Seculo de *Luiz XIV.* finalmente

(a) Estava presente ao Acto.

te, floreceu em França, o celebre Cirurgiaõ *Jacobo Beiffier*, que conseguindo salvar a vida daquelle grande Monarcha, de huma horrorosa enfermidade, teve por premio do seu disvelo, Carta de Nobreza, grossas pençoens, e singulares honras: naõ havendo Poeta, que lhe naõ confagrasse, hum Elogio, nem Francez honrado, que lhe naõ ideasse, huma Estatua. Em Portugal, no Seculo do nosso clementissimo Rey e Senhor D. *JOZE I.* admiramos o nosso benemerito Presidente *Antonio Soares Brandaõ*, que conservando venturozamente, a real vida de Sua Magestade, para amparo de tantos filhos, que o olhaõ como a Pay da Patria, mereceu ser colocado na Classe dos Illustres, e merece, que o seu nome, para credito immortal do nosso Minho, seja eternamente decantado, nos Annaes de Portugal.

Tenho meus amados Companheiros, patenteado aos vossos olhos, a semelhança do nosso Seculo, com o de *Luiz XIV.* Mostrei-vos, a real grandeza, e a incomparavel magni-

magnificencia, e piedade do nosso augustissimo Monarcha: o zelo, e a grandeza d'alma do nosso profundissimo Ministerio; e a ciencia, e o merecimento do nosso Cirurgiaõ mór do Reyno. Com hum *Protector* taõ augusto, com hum Mecenas taõ esclarecido, e com hum Presidente taõ douto, não deveis recear, a falta de premio ao vosso trabalho, ao vosso estudo. Lançai os olhos para essa França, que tantas vezes nesta Oração vos tenho citado para exemplo. Nella vereis (neste Seculo) hum *Francisco Marechal*, que sendo filho de hum militar pobrissimo, chegou pela sua grande applicaçã na Cirurgia, a lograr os privilegios de nobre, que neste Reyno equivale aos de Fidalgo, a ser Mordomo da Caza real de França, Cavalleiro da Ordem de S. Miguel, e a possuir por data de El Rey, a terra Senhorial de *Bievre*, junto de Pariz. Vede ao famoso *Francisco de La Peyronie*, que de filho de hum pobre Cirurgiaõ de Mompelhier, passou pelos progressos, que fez na Cirurgia,

a ser Conſelheiro do Rey Chriſtianiffimo, Mordomo da ſua Caza, Gentil Homem Ordinario da ſua Camara, Cirurgiaõ mór de toda a França, e Senhor da terra de *Marigni*, que pela ſua morte foi vendida a El Rey por 200 Uooo. livras francezas. E ſabeis para que? Eu volo digo. Para dar cumprimento ao ſeu Teſtamento, hum dos mais honrados, e proveitoſos, que o Parlamento de França, registou neſte Seculo. Por elle, ordenou, *Mr. de la Peyronie*, que os ſeus bens, que foraõ immenſos, ſe entregassem ao ſeu Collegio de Cirurgia de Pariz, e a outro, que fez fundar na ſua patria, a famoſa Univerſidade de Mompelhier. Venturoſo Reyno, aonde os Cirurgioens ſacrificaõ, em honra, e utilidade da ſua arte, os bens que por ella adquiriraõ! Naõ he outro meus Companheiros, o caminho da immortalidade! Como vaſſallos devemos adorar, e obedecer ao noſſo Principe. Como Cidadoens, devemos ſolicitar o bem da noſſa patria, e como profellores devemos honrar, e illuſtrar

trar a nossa arte. Lembrevos, a piedosa acção daquelle Rey da Persia, que determinou, o enterrassem em hum Campo, para que o seu Corpo fosse nutrimento das plantas, que servem aos homens de alimento. Ainda depois de morto, queria ser util ao genero humano. Imitemo-lo, na heroicidade dos sentimentos, trabalhando constantemente, para conseguirmos, o alivio, e o bem dos nossos patricios, por meyo da nossa Arte. Eu vos prometo, que a Patria se lembre algum dia do vosso zelo, e que ainda se vejaõ nas paredes desta Academia, muitos retratos dos seus bemfeitores.

Tudo nos promete, o feliz Seculo de hum Principe, o mais pio, e o mais cuidadoso, do bemdos seus Vassallos. Hum Principe, que sacrifica continuamente os seus interesses, em utilidade do seu Reyno. Hum Principe, que se expoz voluntario, a sofrer em Lisboa, as inclemencias, que se seguiraõ, ao fatal Terremoto do primeiro de Novembro de 1755. só para naõ desamparar o seu povo,

que

que nelle experimentou hum Pay terno, hum Rey pródigo, e hum Senhor Clemente. Hum Princepe, que vendo abrazadas as Bibliothecas da sua Corte, e confundidos os Sabiosdella excitou as Conferencias da Academia real da Historia Portugueza, para feliz restauração das Letras. Hum Princepe, que reconhecendoos prejuizos, que a Cirurgia recebia de varios padraſtos, que a olhavaõ como enteada, conferiu o honirifico lugar de Cirurgiaõ mór do Reyno a hum professor de Cirurgia taõ benemerito, como he o noſſo Presidente: vindo ſapientiffimamente a confirmar as intençoens, e os destinos de ſeu predeceſſor o Senhor Rey D. Affonço V. Finalmente hum Princepe, que deve ter por panegyriſtas da ſua gloria, a quantos ditofamente vivem ſogeitos ao ſeu Imperio.

Dixi.

